

“É preciso falar cara a cara para poder ler a alma no rosto, para que o coração soe em palavras, uma palavra dita com convicção, com plena sinceridade e sem medo, vale muito mais que dez folhas de papel cobertas de palavras.”

Fiódor Dostoiévski

Valter Marques

O Caminho da Ilusão

Copyright © Valter Marques

Blog: bipolaridades6.webnode.pt

Bipolaridades2022@gmail.com

Edição 2023

Outras obras do autor:

“Pandemia de Idiotas” Edição 2021

Design Capa: Daniela Fortunato

Para as minhas filhas,

*“My dreams were all my own; I accounted for them
to nobody; They were my refuge when annoyed - my
derest pleasure when free.”*

Mary Wollstonecraft

“Meus sonhos eram todos meus; eu não contava para
ninguém; eles eram meu refúgio quando aborrecidos - meu
maior prazer quando livres.”

Introdução

O mundo, tal como o julgamos conhecer sofreu uma alteração desde o início deste século, as alterações que vivenciamos presentemente, mudaram quase radicalmente a essência da humanidade.

O século XX foi um período de enormes transformações, locais e globais, a industrialização, a consolidação da industrialização do mundo melhor dizendo, os avanços tecnológicos do final do séc. XX, a abertura da ocidentalização ao mundo como promessa de evolução humanística, política e até económica, a consolidação da geografia europeia com os novos estados, provenientes do desmantelamento da ex-URSS, da Ex-Jugoslávia, o fim dos regimes autocráticos, Portugal de Salazar, Espanha de Franco, Tito na Jugoslávia.

O final século XX marca também, não o fim da Guerra Fria entre potências que um dia nesse século se aliaram contra um inimigo comum, mas a sua reestruturação, passando de um pré-conflito militar entre o Ocidente e a URSS, para um conflito económico entre o império ocidental (RU, EUA e UE) e a recém-criada Federação Russa.

O século XX foi o criador da ordem mundial, uma ordem unipolar comandada pelos EUA, e sob a égide da *Rules Based International Order*, sob as quais nasceram as instituições que durante mais de meio século têm ditado

as regras do mundo, de forma unilateral, o G7, o G20, o Fórum Económico Mundial, a Organização Mundial de Saúde, o Painel Internacional para as Alterações Climáticas, a OTAN, o FMI, a própria União Europeia, e os diversos institutos e instituições nas áreas das ciências económicas, de saúde e sociais.

Já neste século, o Ocidente viveu uma crise económica, duas crises de saúde (H1N1 e a Covid), três conflitos armados em solo europeu, termos directos: Jugoslávia, Servia e Ucrânia, quatro conflitos armados por procuração, Iraque, Líbia, Síria e Afeganistão, assistimos aos problemas das migrações em massa, o problema humanitário e o problema social que as migrações subsarianas e do médio oriente acarretam hoje ainda e acarretar nos próximos anos, e as crises políticas que um pouco por toda a Europa, se foram e vão manifestando.

A Europa do século XXI, está a passar por momentos conturbados, onde a luta pela hegemonia do poder está acesa feroz e mortal. Nunca na história da humanidade a luta contra a vida foi tão acérrima, e a luta contra a vida não se cinge só aos conflitos armados, mortíferos e desoladores, mas também se manifestam nas áreas económicas, científicas e nos Direitos Humanos.

As guerras propriamente ditas, no plano societário são para todos os efeitos práticos, o uso do aparato militar entre contendores, e as contendidas são alvo do escrutínio das sociedades, as razões, os factos e os efeitos dependem do ponto de vista, da afiliação e do conhecimento da causa e divergem em dois novos contendores, os povos ou as sociedades dividem-se entre os guardiões da

democracia e dos valores morais e os guardiões das ditaduras e criminosos.

É assim a sociedade de hoje, mas este facto não se cinge só na guerra, este movimento da sociedade é verificável em todas as alterações sofridas na vida societária, foi assim na crise 2008/2013, na epidemia H1N1, na pandemia de Covid.

É errada a assunção de um lado único, não existe em nenhuma crise um lado detentor de qualidades exclusivas, nem um outro desprovido de qualquer qualidade, o que existe é ignorância, falta de respeito e estupidez.

O ser humano vem dotado de forma natural da capacidade da lógica e da razão¹, é efectivamente um produto do meio ambiente que o rodeia, e que o pode limitar, mas mesmo esta limitação é artificial pelo simples facto de que o ser humano é capaz de vencer barreiras, de criar mente critica, e de se adaptar.

¹ “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.”

1º artigo da Carta Universal dos Direitos do Homem.

Podemos afirmar que o reino animal também traz consigo estas qualidades, sim é um facto, mas não produz capacidade critica, ou melhor dizendo, são escassos os que o executam, a diferença primordial entre o reino do Homem e o reino Animal reside na moderação da força, aos animais as hierarquias são estabelecidas pela força, no Homem a mesma hierarquia pode ser estabelecida pela razão.

O ser humano pensa como um individuo primeiro, e como individuo atendendo aos seus interesses pensa na sociedade, se olharmos ao sentido desta humanidade, o Homem espera uma sociedade baseada na sua crença pessoal o que o torna refém do seu pensamento e da sociedade em simultâneo.

Nestes moldes não se pode esperar uma evolução individual, nem uma evolução da sociedade, e este século marca em definitivo a próxima fase da vida humana: se autocêntrica em perpetuidade ou se usando da razão e da critica o Homem se torna sociável e torna possível uma sociedade plena.

A socialização do ser humano nada tem em comum com a socialização nas redes sociais, as redes sociais são para todos os efeitos práticos o oposto de socializar, as redes sociais tornaram-se as montras da avareza humana da inveja e do refúgio das mentes que, por força da impossibilidade de acompanhar os avanços da tecnologia a Humanidade se retrai em si mesmo. E usa a tecnologia para construir o seu castelo, e dar a conhecer ao mundo, uma beleza e existência, que na sua grande maioria, tem

custos insuportáveis - esta é a humanidade de hoje vazia de espírito e desprovida de conhecimento.

A sociedade europeia vive neste século a ilusão do poder civil, vive embrenhada na percepção da democracia (de uma democracia que verdadeiramente não existe), da liberdade, quer de expressão, quer de movimentos, e não se liberta do jugo da xenofobia social e do *status*, é uma sociedade onde impera o cinismo, a vaidade e a ignorância.

Portugal não é excepção, a sociedade portuguesa percorre um caminho a par com as congéneres europeias de percepções para ilusões, num tempo em que o avanço tecnológico atingido não impede a falta de conhecimento e a ignorância. Mas como todas as inovações ao dispor da sociedade, as mesmas *per si* não se constituem garantias do sucesso, são sim, ferramentas, e como tudo na vida as escolhas são determinantes ao indivíduo e as escolhas individuais têm como dano colateral a sociedade e a forma da sociedade.

A sociedade não se constitui somente em um aglomerado de cidadãos, a sociedade engloba os cidadãos, o governo, as instituições públicas e privadas, as estruturas físicas e as estruturas abstractas, uma sociedade, é também filosofia, a cultura, os costumes e as tradições, a história tem um significado importante, é do passado que derivou o presente da mesma forma que será do presente que nascerá o futuro.

E que futuro surgirá desta sociedade de hoje embrenhada em problemas sociais, económicos e de governação? Esta sociedade de hoje viveu um período de tranquilidade, que erradamente assume como fruto da sua existência, mais errada não poderia estar, porque se vive uma tranquilidade relativa oferecida pela geração anterior.

Antes de se enveredar pelo desafio de solver os problemas do presente e lançar os alicerces do futuro, é imprescindível que identifiquemos os problemas que nos assolam hoje, porque uma sociedade que sem identificar a raiz dos seus pesadelos, pretenda aplicar qualquer remédio ao seu sofrimento, nem cura os pesadelos nem deixa de sofrer com os males que advém das soluções ineficientemente aplicadas.

O momento que a sociedade atravessa é um momento de reflexão, ou deveria de o ser.

É dessa reflexão que se trata este livro, não uma reflexão da sociedade como qualquer plenário civil, mas uma reflexão própria, individual e reflete a visão e as linhas de pensamento que, factualmente elaboradas e expressas aqui se inserem.

A verdade assume tantas faces quantos os olhos que a observam, por isso assumir que a verdade é una e indivisível tem sido o maior problema desta sociedade. Se a observarmos do ponto de vista religioso, o Cristianismo, a base teóloga da fé portuguesa, vemos nela duas verdades, a verdade do divino para os crentes, e a verdade da criação humana para os não crentes, e o

mesmo se aplica a todas as áreas em que o homem tenha mão, as verdades são para se discutirem, os factos existem para serem expostos às realidades por eles criados e a aferição do que é verdadeiro e falso atinge se na medida da verdade discutida ser corroborada pelos factos expostos, não existe verdade sem factos que a complementem nem falsidade com factos que a repudiem.

Valter Marques

06, de novembro de 2022

Índice:

Introdução	4
Agradecimentos	12
Prefácio	14

1.ª Parte

<i>A sociedade portuguesa do séc. XXI</i>	21
<i>A filosofia explica</i>	34
<i>O controlo das massas</i>	45
<i>Causa e efeito</i>	58

2.ª Parte

<i>A fraude pandémica</i>	63
<i>9 Meses em 2020</i>	66
<i>2021 E a mortalidade excessiva 2.0</i>	75
<i>2022 As mortes e a guerra de intelecto</i>	87

3.ª Parte

<i>O que nos conta a História</i>	98
<i>Da União Soviética à Federação Russa</i>	109
<i>A geopolítica e a guerra na Ucrânia</i>	131

Considerações Finais	140
-----------------------------------	------------

Agradecimentos

Tenho de agradecer em primeiro lugar, à Rafaela Fragoeiro, minha esposa, pelo tempo, pelos serões e pela força que me transmite.

Às minhas filhas, pelas perguntas, pela curiosidade que demonstram na *“história que estás a escrever”*, e pela companhia nas tardes de escrita, revisão e estudo.

Um agradecimento ao grupo que se reúne regularmente, e que se atreve a discordar, a discutir e a partilhar, conhecimentos, emoções e opiniões, entre garfadas ao jantar.

Um agradecimento especial ao Eurico Ribeiro, amigo e companheiro de amenas conversas, que reviu e reproduziu alguns ajustes, contribuiu também com as suas palavras e reflexões.

A todos, a minha gratidão e a minha amizade.

Obrigado.

Prefácio

Coube-me a honra de prefaciá-lo este livro escrito por um já “velho amigo”, e esse qualificativo justifica-se em termos de profundidade e honestidade, qualidades que todos nós em boa verdade gostamos de encontrar nos amigos. Eis então que ele me desafiou de forma inusitada para lhe acrescentar na sua obra mais uma linha, talvez escusadas.

Mas já que a este desafio sou chamado, tentarei pelo menos atingir o nível que a narrativa do Valter impõe, deixando nele as minhas impressões sobre os tempos em que vivemos na estreita relação com o fio condutor deste livro.

Se olharmos para os tempos presentes com a devida atenção, verificamos que estamos no melhor momento para tomarmos o caminho certo, o nosso caminho certo. Todos são chamados, porém poucos são os que mantêm vivo o chamamento e essa escolha! É preciso recordar e acordar...

As demolições dos antigos regimes que dirigiam os países com mão férrea até ao último quartil do século e milénio passados, não os levaram, bem como os seus povos, ao muito propagado “jardim das delícias na terra”, com as bandeiras da liberdade e da democracia a

declararem a paz perpétua e felicidade dos povos!
Bandeiras essas já muito desbotadas das revoluções anteriores em diversas partes e que por cá no início desse século tinham destronado a monarquia e a velha estrutura social.

De facto, o Homem não muda e quando consegue usurpar do poder anterior com os argumentos que traz consigo, transforma-se quase sempre num personagem bem pior que aquele que acabara de retirar da cadeira! Uns de forma ingénua achavam na sua juventude e irreverência que eram mesmo possíveis e realizáveis as suas utopias uma vez ultrapassado o “pai tirano”, enquanto outros mais astutos as usavam cinicamente para seu benefício. Quase sempre foram estes últimos a gerarem os atuais tribunos da política, gente implacável no confronto pessoal, mas com muito pouca envergadura para liderar os povos e pior do que isso suportar o peso da espada de Dâmocles!

E essa deveria ser a primeira lição a tirar para o futuro das novas gerações a que este livro também se destina: ou se muda o Homem, ou as sociedades continuarão a sofrer do mesmo flagelo vezes em conta, mesmo que ele venha de forma diferente e embrulhado de outra coisa ou de coisa nenhuma.

Voltando ao início, de facto este é o melhor momento histórico para cada um de nós escolher o seu caminho e fazer acertar o passo de todo um povo. Não me querendo deter na velha tradição messiânica do fim dos tempos em que essa escolha seria feita numa narrativa agrária,

importa tão só afirmar que uma só coisa nos pode dar um rumo: a via da Verdade!

Esta parece ser uma descrição muito trivial e, porém, muito gasta, mas se olharmos como disse para os tempos presentes, a Verdade é a única coisa que realmente dá poder aquele que o não tem por condição de nascimento. A Verdade agiganta a vontade e faz o Homem cair de pé como as árvores, quando o seu tempo terminar, mas também é a força que sedimenta confianças em nós próprios e naqueles que nos rodeiam e sem ela não há fundações nem o cimento para a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Infelizmente essa palavra – a Verdade – é cada vez mais usada, vendida e especulada na boca desses tais políticos cuja juventude foi influenciada pelos últimos ventos do caos revolucionário do vale tudo... e se por cá tivemos a revolução dos cravos a acabar com o nosso Império quinhentista (império que durou por o não ser, porque nunca teve a veleidade de ter tido imperadores...), em 1945 tínhamos o pós grande guerra, a segunda, com o mesmo principio do caos revolucionário face ao que vinha de trás, tendo depois a queda do muro de Berlim, a prenunciar o fim da URSS de 1989 a 1991, colocado a derradeira lápide funerária sobre o velho mundo. A partir daqui as utopias que tinham levado o esse mundo ao derradeiro caos, foram lentamente substituídas pelas Leis da Economia e dos Mercados, a nova religião Científico-Tecnológica, achando eles – os tais jovens revolucionários do último quartel do milénio – que esta nova ordem colocaria o